

# A IGREJA DO FUTURO



## A IGREJA DO FUTURO

---

Todos os direitos reservados à Rádio Trans Mundial  
Primeira edição publicada em dezembro de 2020

Projeto desenvolvido pelo Departamento de Comunicação RTM  
Supervisão: Ricardo Kroskingsque  
Coordenação editorial: Lucas Meloni  
Apoio editorial: João Paulo Gouvêa  
Apoio na preparação: Beatriz Araujo  
Diagramação: Aline Dias e Queco Brown  
Capa: Queco Brown  
Revisão ortográfica: Roland Körber

Autores convidados (por ordem de capítulos):

Edmund Spieker  
Susie Pek  
Marcos Garcia  
Vavá Rodrigues  
Renato Marinoni  
Renata Burjato  
Paula Ferreira e Walter Fernandes  
Fabiana Silvestrini  
Itamir Neves  
Joerley Cruz  
Adriano Cruz

Rádio Trans Mundial  
Rua Épiro, 110, Vila Alexandria, São Paulo (SP)  
Caixa Postal: 18.113  
CEP.: 04626-970  
ouvinte@transmundial.org.br



[www.transmundial.org.br](http://www.transmundial.org.br)



[facebook.com/radiotransmundialoficial](https://facebook.com/radiotransmundialoficial)



[instagram.com/radiotransmundial](https://instagram.com/radiotransmundial)



[twitter.com/transmundial](https://twitter.com/transmundial)

## SUMÁRIO

Carta ao leitor <b>Ricardo Kroskinsque</b>	4
1. A vitalidade e o impacto da igreja do amanhã <b>Edmund Spieker</b>	6
2. A suficiência de Cristo <b>Susie Pek</b>	9
3. A importância no preparo de pastores para formar igrejas mais saudáveis <b>Marcos Garcia</b>	12
4. “Eis que estou convosco todos os dias - inclusive nos de pandemia...” <b>Vavá Rodrigues</b>	15
5. O amanhã já começou: um diálogo entre teologia e tecnologia na adoração <b>Renato Marinoni</b>	18
6. A igreja não é uma ilha <b>Renata Burjato</b>	22
7. Igreja: mover-se em dependência <b>Paula Ferreira e Walter Fernandes</b>	26
8. Os desafios de engajar os mais jovens à missão e à convivência da igreja <b>Fabiana Silvestrini</b>	29
9. A igreja do futuro e a sua relação com a terceira idade <b>Itamir Neves</b>	32
10. A Esperança <b>Joerley Cruz</b>	36
11. Capelania, a igreja que se importa <b>Adriano Cruz</b>	39
Apêndice   Aplicação <b>João Paulo Gouvêa</b>	42

Em meio a tempos tão atípicos, vem a dúvida: como será o futuro? A resposta, claro, não sabemos, está nas mãos de Deus, mas temos certeza de que a Igreja não será mais a mesma. A tecnologia entrou de vez na realidade de nossas comunidades de fé. Durante a pandemia pudemos ser Igreja na essência da palavra, reunidos com os nossos, sem estar fisicamente na igreja.

Como tudo o que é novo traz desafios, a Rádio Trans Mundial preparou “A Igreja do Futuro”, um e-book que reúne grandes nomes do ensino bíblico, da adoração brasileira e da área teológica em reflexões que nos convidam a pensar as oportunidades que surgem depois de tamanho acontecimento.

O maior objetivo deste projeto é trazer ferramentas e ideias e contribuir com pastores, líderes, ministros, missionários e cristãos participativos em suas comunidades para que usem a criatividade a serviço do Reino. Nosso Deus é Deus criativo.

Tão importante quanto a criatividade é a participação das pessoas. Este e-book trata também da necessidade, cada vez mais visível, de nossas comunidades darem mais valor, espaço e apoio aos mais novos e aos mais velhos. Nossos jovens precisam aprender e nossos idosos podem contribuir e ensinar. Devemos ser casa sempre aberta a receber aqueles que querem se achegar nesta caminhada da vida cristã.

Em meio a tudo isso, também não fica de fora uma temática sensível: a importância da formação correta de

pastores para que tenhamos no futuro comunidades mais saudáveis e bem direcionadas, que tenham a Bíblia como única regra de fé e prática.

A Igreja não é uma ilha, mas um organismo vivo chamado para fazer diferença na sociedade. Devemos representar essa amabilidade e gentileza em todos os lugares, em todos os tempos, para que possamos testemunhar do amor de Cristo. Nossos relacionamentos e mentalidade devem ser à luz do que o apóstolo Paulo escreveu na segunda epístola aos Coríntios, capítulo 1, versículo 12: “com santidade e sinceridade provenientes de Deus, não de acordo com a sabedoria do mundo, mas de acordo com a graça de Deus”.

Use as ideias e temas trazidos por nossos autores convidados como uma semente a ser plantada em terra fértil e que está pronta a germinar. A Rádio Trans Mundial mais uma vez reforça o seu compromisso de apoiar a Igreja brasileira. É por isso que este e-book chegou até você de forma gratuita. É uma oferta da RTM para o crescimento e amadurecimento de ministérios e igrejas locais. A capacitação constante, a inovação e a dedicação são fatores preponderantes para o modelo a ser formado a partir desta pandemia da Covid-19.

É nosso desejo que, para a glória de Deus e edificação de vidas, esta obra sirva como inspiração para mudanças de realidade, novos projetos e ensino fundamentado e revigorante das sagradas escrituras. A você, leitor, uma última mensagem: conte com as nossas orações e apoio nesta jornada.

**Ricardo Kroskinsque**  
**Diretor de Comunicação e Relações Públicas da RTM.**

Por Edmund Spieker

A palavra igreja é muito preciosa para mim, pois representa a nova e permanente família que ganhei quando nasci de novo como filho de Deus há 74 anos.

Experimentei a igreja cedo, quando criança, na Alemanha, logo após a Segunda Guerra Mundial. Após meses de fuga, em meio a grandes perdas, doença, morte e fome - meu pai desapareceu na guerra - minha querida mãe e os quatro filhos encontraram nela o amor e a esperança que nenhum outro lugar do mundo tinha para oferecer.

Lá havia consolo, respostas, perspectiva, encorajamento e aquela fé inabalável no Deus que é o nosso refúgio e fortaleza. Com 11 anos eu já queria ser um discípulo de Cristo e levar as boas novas do Evangelho aos perdidos.

No decorrer dos anos vi muitos aspectos da igreja. Conheci a igreja perseguida, a triunfante, a tradicional, a avivada, a engessada, a piedosa e a secularizada. Convivi com suas dores e alegrias. Descobri que tanto faz qual a

etnia ou nacionalidade da pessoa, pois quando aceita Jesus Cristo como Senhor e Salvador, ela começa a pertencer à mesma supercultura de 1 Pedro 2.9. A família de Deus é linda e universal! Somos membros do corpo de Cristo e seus embaixadores neste mundo (2Co 5.20.21).

Nos últimos tempos aconteceram coisas inimagináveis. A pandemia da Covid-19 causou uma crise de saúde com implicações socioeconômicas e políticas nunca vistas e chegou a todos os cantos do planeta Terra.

A situação forçou-nos a considerar e reavaliar quem é a igreja, a eclesia, a assembleia dos chamados para fora. Voltando à base, entendemos que a igreja nunca foi estática, nem edifício e nem organização. Ela é o corpo vivo e espiritual de Cristo, um organismo dinâmico, uma comunidade de fé movida pelo Espírito Santo.

Por isso, a verdadeira igreja de Cristo é dinâmica e pode existir em qualquer ambiente, seja ele hostil ou amigável. Semelhante a um grande rio, ela vai sempre achar novas formas para se expressar. Ela é impulsionada pelo poder do Espírito e continua a avançar alimentada pela fonte que é o seu cabeça, Cristo, e os muitos afluentes que são os membros de seu corpo.

É incrível ver como nesta crise a igreja está se expandindo pelas múltiplas tecnologias da mídia social. O povo preso em casa ao redor do mundo é a nova audiência cativa. A Rádio Trans Mundial, por exemplo, está produzindo conteúdo em mais de 230 idiomas, alcançando com a mensagem do Evangelho 80% da população mundial mediante potentíssimos transmissores e plataformas da internet em áreas urbanas e rurais. Cristo Jesus, o cabeça da igreja, continua a construir a sua igreja por meio da instrumentalidade do Espírito Santo, como prometeu em Mateus 16.8, e de fato nem as portas do inferno vão prevalecer contra ela.

Desde o livro de Atos é o Espírito Santo, fundador da igreja, que inspira os discípulos com sabedoria e poder. Naquele tempo, a perseguição serviu aos propósitos de Deus, fazendo com que a igreja fosse forçada a se espalhar para assim disseminar as boas novas. É difícil para nós no Ocidente assimilar a verdade que o sangue dos mártires é a semente mais frutífera da igreja. Mas ainda hoje é pelo testemunho de homens e mulheres simples e destemidos, que não podem parar de falar das coisas que tem experimentado, que a igreja continua a crescer.

Alguém disse que o impacto e a vitalidade da igreja do futuro vai depender do poder espiritual que emana de seus púlpitos. Não serão as técnicas de marketing nem o melhor uso da tecnologia de comunicação que vão fazer a igreja prosperar. Vai ser a autenticidade de sua mensagem, a sua paixão por Cristo, sua fidelidade às Escrituras e o seu amor ao próximo que fará dela a cidade edificada sobre o monte (Mt 5:14).

Estou convencido de que a vitalidade da igreja de amanhã vai depender da vitalidade espiritual dos homens de Deus hoje. Foi Deus quem deu ao homem a incumbência de liderar. Como em Ezequiel 22.30, ele está buscando um homem que tape o muro e se coloque na brecha perante ele em favor da terra. A igreja precisa de homens que levantem mãos santas em oração (1Tm 2.8); homens que amem a esposa como Cristo amou a igreja (Ef 5.25); homens que criem os filhos na disciplina e admoestação do Senhor (Ef 6.4); homens que têm as qualidades de caráter mencionados em 1 Timóteo 3.1-13 e Tito 1.5-9.

Seja você esse homem hoje, investindo assim na vitalidade da igreja do amanhã!

**Edmund Spieker é autor do livro “Foi Assim”, publicado pelo Selo RTM.**

Por Susie Pek

*“Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna!” (João 6.68)*

Alguns adjetivos definem o ano de 2020, e dentre eles destaque dois: surpreendente e inesquecível! Quem poderia imaginar que viveríamos tudo o que vivemos? De álcool em gel a distanciamento social no mundo todo! Cada cultura e país enfrentou seus próprios desafios; entretanto, de modo geral todos passamos pela mesma tempestade.

Diariamente vimos o cenário mundial se transformar e percebíamos que não tínhamos e que não temos controle de nada. Atravessamos um vale sombrio e repleto de inseguranças. Milhares de pessoas ao redor do mundo se depararam com uma nova realidade econômica e familiar. As perdas chegaram com tudo, e para alguns sem direito a despedidas. A doença não poupou ninguém e nem a igreja de Cristo!

As incertezas despertadas pela pandemia levaram a igreja a uma profunda reflexão não apenas do seu papel, mas principalmente de suas convicções, sua teologia pessoal. O medo, a angústia, o sofrimento e a dor despertaram perguntas em nossos corações, num verdadeiro processo de refinamento como lemos em 1 Pedro 1.6-9: “Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado. Mesmo não o tendo visto, vocês o amam; e apesar de não o verem agora, creem nele e exultam com alegria indizível e gloriosa, pois vocês estão alcançando o alvo da sua fé, a salvação das suas almas.” O corpo de Cristo passou pelo fogo do refinamento com todo tipo de provação sem ao menos ter o conforto dos cultos presenciais.

Talvez pela primeira vez em nossa geração vivemos uma tragédia que afetou a igreja não apenas num continente, mas no mundo todo. O texto de 1 Pedro 5 se tornou uma realidade: “Resistam-lhe, permanecendo firmes na fé, sabendo que os irmãos que vocês têm em todo o mundo estão passando pelos mesmos sofrimentos.”

Chegamos agora ao refinamento pós-isolamento: a certeza da suficiência de Cristo! “Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou juntamente com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz” (Cl 2.13-15).

Sabemos que Cristo é suficiente para nos perdoar, cancelar toda a nossa dívida, nos oferecer paz com Deus e nos dar vida eterna.

Cristo também é suficiente para nos consolar: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações” (2Co 1.3-4).

Cristo é suficiente para nos guiar: “Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. É necessário que eu as conduza também. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor” (Jo 10.16).

Cristo é suficiente para cuidar de nós! “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus” (Fp 4.6). “Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês” (1Pe 5.7).

Cristo é suficiente para nos restaurar e renovar as forças: “O Deus de toda graça, que os chamou para a sua glória eterna em Cristo Jesus, depois de terem sofrido durante pouco tempo, os restaurará, os confirmará, lhes dará forças e os porá sobre firmes alicerces” (1Pe 5.10).

A igreja, isolada por um tempo, viveu um processo muito pessoal com o Senhor de sua história e hoje, refinada, entende que só consegue viver e enfrentar os desafios reais e diários no poder de Cristo, pois Ele é suficiente para nós.

***Susie Pek é coordenadora do Ministério Mulheres de Esperança RTM para o Brasil, América Latina e Caribe.***

## A IMPORTÂNCIA NO PREPARO DE PASTORES PARA FORMAR IGREJAS MAIS SAUDÁVEIS

Por Marcos Garcia

São tempos desafiadores e especiais. Pandemia e isolamento social. Uma quarentena que para alguns não passaria de uns dias e dura meses. A igreja está passando por grandes transformações. Os templos tiveram suas portas fechadas, mas a igreja está mais viva do que nunca. Os pastores precisam rever procedimentos e buscar formar igrejas saudáveis. A cultura do templo com certeza irá mudar. Nossa maneira de comunicar o evangelho passará por transformações certamente.

Alguns pontos são importantes:

- **O cuidado da saúde pessoal** e o cuidado com a saúde da sua comunidade de fé, o retorno para os cultos presenciais, por exemplo, requer muitos cuidados. O pastor tem como hábito o abraço, o carinho, estar com as pessoas, mas o advento da Covid-19 traz consigo a necessidade de cuidados para ele mesmo, sua família e o rebanho. Pregamos ser o templo do Espírito Santo, mas muitas vezes não nos comportamos dessa maneira. Precisamos dar um testemunho nesta direção.
- **O cuidado com sua formação teológica** - A formação do pastor é fundamental para o desenvolvimento

pastoral da sua comunidade de fé, requerendo formação teológica, cursos complementares, estar atento aos movimentos... Nossa formação tem hoje outras variáveis como, por exemplo, o culto on-line. Precisamos preparar-nos para ministrar a palavra para quem estará na igreja (presencial) e aqueles que estarão em qualquer outro lugar do mundo, participando do nosso culto.

- **O cuidado no preparo de material para a vida e missão da igreja:** mensagens, reflexões, materiais diversos. Estaremos preparados para uma igreja pós-Covid-19? Por exemplo, nossos conteúdos, dinâmica, pedagogia no ensino, linguagem? Como estamos nos preparando para este tempo que estamos vivendo? Não podemos também simplesmente ficar repetindo conteúdos. Podemos revisitar nossos conhecimentos, é fato, mas precisamos também de novas perspectivas para este tempo.
- **O cuidado com a comunicação** – cultos on-line, grupos de discipulado, células, reuniões em mídias diferentes. Pessoalmente creio que este é um caminho sem volta. Não teremos mais uma igreja só presencial, nos limites do nosso bairro, mas uma igreja que está além das quatro paredes, o que nos leva a aprender a comunicar o evangelho por meio de novas ferramentas. Duas palavras vão nortear este contexto: estética e conteúdo. Não vai adiantar ter uma superprodução visual se não tiver conteúdo. As pessoas terão mais opções na mesma hora em que você estiver no ar; assim, deverá haver zelo nesta busca.
- **Cuidado com relacionamentos** – pessoais e familiares. A pandemia pode gerar muito estresse no relacionamento familiar. Este tempo gerou um modelo de exigência do pastor em que ele não tem mais horário, está teoricamente disponível 24 horas por dia, ainda contando com o conceito de que algumas pessoas acham que o

pastor “não faz nada”, só trabalha de domingo. É preciso se cuidar, respeitar seus horários e sua família. Sua casa é sua primeira igreja e ministério. Não adianta ser um pastor de “sucesso” com fracasso familiar.

- **Cuidado com relacionamentos na comunidade de fé** - a pandemia revelou o que havia de melhor e pior nos relacionamentos familiares, o que aumenta consideravelmente as demandas pastorais. O pastor deve estar preparado para ajudar na superação de conflitos, no apoio às pessoas, na compreensão de que a crise tem um impacto diferente na vida das pessoas. A pandemia não é responsável por essas crises, elas já existiam e não foram tratadas, mas afloraram ainda mais neste período. A questão é que o tratamento ainda depende da disposição das pessoas em serem curadas, transformadas, resgatadas como pessoas e famílias.
- **Cuidado com o retorno para uma igreja presencial** - duas realidades a serem trabalhadas: as pessoas que retornam em luto, um momento de atenção para quem viveu e está vivendo o luto, e o retorno do encontro, a comunhão e a partilha - o momento da alegria. Temos um grande desafio - sou pastor, estou me preparando porque algumas pessoas não estarão mais na igreja. Perdi algumas pessoas amadas, não houve velório, culto de ação de graças pela vida. Precisamos estar atentos em como as famílias vão reagir à falta de seus entes queridos. Ao mesmo tempo somos desafiados a celebrar a alegria do reencontro. Mesmo com os cuidados, passo a passo celebrar a vida, com gratidão e alegria.

**Marcos Garcia é pastor e apresentador do programa “Um Tempo com Deus”, da RTM.**

**“EIS QUE ESTOU CONVOSCO  
TODOS OS DIAS - INCLUSIVE NOS  
DE PANDEMIA...” (Mt 28.20 - COM  
LICENÇA POÉTICA)**

**Por Vavá Rodrigues**

As palavras de Jesus dirigidas aos discípulos nos dão plena certeza de que não estamos sozinhos diante dos problemas, desilusões, sofrimentos, crises, pandemias etc. Ele caminha conosco. Os tempos são difíceis e inusitados, como vimos com o novo coronavírus.

Este tempo fechou as portas dos prédios das instituições religiosas, mas, ao menos para mim, nunca o conceito de povo de Deus como igreja fez tanto sentido como agora. O que vemos são templos abertos em várias casas, sustentando milhares de pessoas através do compartilhar da palavra, da oração e das celebrações transmitidas pela internet. Ficamos impedidos do contato, do abraço, da proximidade física, mas não do amor. Esses obstáculos fizeram com que reinventássemos a comunhão e a forma de darmos o nosso recado. De alguma forma, estamos próximos e conectados por solidariedade.

Alguém disse que “a dificuldade e a adversidade nos fortalecem e moldam nosso caráter”. Para exemplificar isso, vamos pensar nas árvores. Antes de produzir frutos viçosos, elas enfrentam geadas, chuvas torrenciais, períodos de estio e até mesmo a queda de suas folhas. Depois, quando tudo está no chão, nascem novas folhas, mais belas, mais viçosas e, a partir de então, nascem os frutos. Pois esse período difícil vem inspirando artistas, músicos, letristas e compositores a dissertarem em sua obra sobre temas como encontros, desencontros, reencontros, abrir os olhos, a necessidade de atentar para o outro e sentir as dores que ele sente. No meu modo de ver, a pandemia disparou uma espécie de gatilho na maioria dos cristãos, trazendo a todos a lembrança do evangelho de Marcos 12.31 “... Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há mandamento maior...”.

Como compositor, a escolha desses temas me agrada. Alimento a esperança de que esteja surgindo em nosso país um novo tipo de música cristã, mais engajada com a verdade da Palavra de Deus do que com conceitos de autoajuda ou mesmo de um evangelho triunfalista que coloca o crente ou membros de uma determinada denominação em uma posição de soberba em relação aos outros mortais. Precisamos de canções que apresentem de forma diferente, criativa e inovadora a mensagem que tantos conhecem sobre o amor, a remissão dos pecados, a esperança e a confiança que depositamos em Deus. Entendo que tais temas precisam estar cada vez mais presentes nas chamadas canções cristãs, porém buscando sempre uma estética diferente e não com repetições de fórmulas ou jogo de palavras. A música é a mais democrática de todas as artes. Nem todos conseguem entender uma pintura abstrata, analisar uma escultura ou abstrair o conteúdo de um espetáculo teatral, porém, de alguma forma, a música fala e cala em praticamente todos os corações.

Jesus usou de muita criatividade em todas as circunstâncias. Temos vários exemplos disso na Bíblia, e nós, como discípulos e imitadores dele, devemos ter a mesma postura. Dispomos de um celular conectado à internet, comunicamo-nos via WhatsApp e no Telegram, temos um perfil no Facebook, no Instagram, um canal no Youtube, e através dessas ferramentas expressamos nossos sentimentos, apresentamos nossas emoções e emitimos nossas opiniões. Os artistas cristãos utilizam-se dos mesmos recursos para propagar sua arte. Tenho participado de reuniões nas mais diversas cidades do Brasil sem sair de casa, cantando em reuniões, cultos, congressos on-line e outros eventos. A tendência para o futuro deve ser essa.

As reuniões presenciais devem voltar, mais cedo ou mais tarde vamos nos reencontrar e viver o chamado “novo normal”. Devemos levar desse período a criatividade aguçada, a surpresa do imprevisto e a simplicidade. Ganhamos o poder de influenciar. Que façamos isso com responsabilidade, tendo o nosso olhar horizontal, atento às necessidades do próximo. Que nossa música seja mais engajada, que aprendamos a utilizar essas ferramentas na divulgação de música de qualidade. Afinal, a vida é muito curta para ser desperdiçada ouvindo música ruim.

***Vavá Rodrigues é cantor, compositor e apresentador do programa “Regional do Brasil”, da RTM.***

## O AMANHÃ JÁ COMEÇOU: UM DIÁLOGO ENTRE TEOLOGIA E TECNOLOGIA NA ADORAÇÃO

Por Renato Marinoni

Incorporar tecnologias que surgem sempre foi um tema em discussão na adoração e liturgia cristãs em mais de dois mil anos de história. Do uso dos pergaminhos até a invenção da imprensa, do uso das lanternas até a chegada da eletricidade, dos órgãos de tubos até as guitarras elétricas, os adoradores sempre foram desafiados a incorporar tecnologia na adoração congregacional. O desafio se torna ainda maior em nossos dias, quando temos experimentado inovações tecnológicas numa velocidade nunca vista na história. E os desafios têm-se apresentado na mesma velocidade.

Como manter uma adoração congregacional que respeite a tradição bíblica e litúrgica, mas que ao mesmo tempo dialogue com as inovações tecnológicas de nossos tempos? Como ser auxiliado pela tecnologia sem perder a

profundidade e autenticidade de nossos cultos?

A pandemia do COVID-19 pegou de surpresa todo o mundo, em todas as esferas. Não foi diferente para a igreja - e também revelou claramente quem estava preparado para lidar com os desafios tecnológicos do mundo pós-moderno contemporâneo e quem não estava.

A tecnologia em si não é “demoníaca” e nem “santa”, embora não seja neutra, mas depende da forma como é usada. Uma análise mais profunda nos mostra que envolve muito mais do que equipamentos: o grande desafio é entender as “engrenagens” que fazem mover a comunicação do século XXI, ou seja, dominar a linguagem e a forma de produzir/veicular/divulgar conteúdo e o que está implícito em cada uma dessas formas.

A adoração congregacional da igreja tem de ser bíblica, ou seja, resposta de adoração à revelação contida nas Escrituras. E ela deve apontar tanto para a história da revelação e adoração de Deus em meio ao Seu povo quanto ao cumprimento escatológico do plano de redenção.

N. T. Wright afirma que a adoração da igreja é um sinal e um meio da nova criação. Como sinal, ela aponta para o futuro, para a redenção final. E ela é um meio pois conta o que Deus fez e revelou no passado, e a comunidade de remidos reunida para contar essa história sobrenaturalmente é formada à imagem dessa nova criação.<sup>1</sup> Esse é o alvo deste capítulo: te ajudar, como pastor, líder, ministro, a ir em busca de uma liturgia que traga a riqueza do passado em seus rituais e significados, mas que aponte para o futuro, consciente de comunicar a sua mensagem no tempo

---

<sup>1</sup> Essa citação de Wright pode ser encontrada na transcrição de sua palestra *Sign and Means of New Creation: Public Worship and the Creative Reading of Scripture*, proferida no Calvin College, em janeiro de 2017, e disponível em <<http://ntwrightpage.com/2017/01/30/sign-and-means-of-new-creation-public-worship-and-the-creative-reading-of-scripture/>>, acessado em 17 de maio de 2019.

presente.

O tipo de revelação das Escrituras não nos convida a uma adoração contemplativa ou meramente intelectual, mas prática. O grande problema é: que tipo de prática? Vamos a alguns exemplos para entender melhor essa questão. A Bíblia nos diz para orarmos em nossos cultos públicos. Agora, orar como? Em pé? Sentado? Com mãos abaixadas ou levantadas? O Salmo 150 nos convida a adorar com instrumentos, mas os instrumentos citados não são usuais em nossos dias e cultura. E aí, podemos trocar a lira pela guitarra? Os címbalos pela bateria? E os “beats” eletrônicos?

Pegando um exemplo que foi dado no início deste texto, sabemos que temos de ler e ensinar a Bíblia, mas ler a Bíblia como? Muitos têm resistência contra a leitura das Escrituras nas telas dos smartphones. Mas se olharmos a história, um dia a Bíblia impressa foi considerada uma grande inovação tecnológica.

De novo: o grande problema não é a tecnologia em si, mas o espírito com que se faz qualquer coisa em um culto congregacional e na vida ampla de adoração. Na verdade, o que importa em primeiro lugar não é se a Bíblia é lida em papíros, impressa ou digitalmente - o que realmente interessa é a reverência e a atitude interior do coração com a qual se lê o texto bíblico.

Comparado com o jornal impresso, o rádio mudou a forma como a notícia era consumida. Depois, a TV trouxe outra grande revolução. A TV em cores trouxe nuances que a TV em preto e branco não tinha. E hoje, o YouTube e os serviços de streaming nos moldam com hábitos diferentes e nos tornam diferentes tipos de seres humanos. Os do século XXI não têm paciência para conteúdos longos, além de pouco poder de concentração e absorção e grande apetite por entretenimento.

Tudo isso impacta nossos cultos. As pessoas do século XXI precisam receber o conteúdo de forma diferente das do século XX, ainda que a Bíblia seja a mesma e nosso conteúdo tenha de trazer a riqueza da tradição da história da igreja. Como vimos, ler a Bíblia em rolos, impressa ou digital traz nuances diferentes. Agora, estamos preparados para lidar com essas mudanças?

Essa preparação passa pelos aspectos teológicos, culturais (antropológicos, sociológicos, mercadológicos) e, claro, aspectos técnicos/tecnológicos. Precisamos estudar e aprofundar a discussão em cada um desses aspectos se quisermos um culto bíblico, rico na tradição e relevante para os desafios do nosso tempo.

***Renato Marinoni é pastor, fundador do Instituto de Adoração, Cultura e Arte (IACA) e apresentador do #adoração, da RTM.***

Por Renata Burjato

“No centro de tudo, Cristo governa a igreja. A igreja não é periférica em relação ao mundo, o mundo é que é periférico em relação à igreja. A igreja é o corpo de Cristo. Por esse corpo ele fala, age e preenche tudo com sua presença”. (Efésios 1.22,23 - A Mensagem)

Eu fico simplesmente encantada por Deus permitir que seres humanos tão falhos como nós possamos “representá-lo” na terra. Jesus disse que somos o sal da terra, a luz do mundo, estando aqui para trazer gosto e beleza, e iluminar todos os cantos. Gente pecadora, ainda imatura, mas que está sendo dia a dia trabalhada interiormente por um poder glorioso que habita em nós. O Espírito Santo de Deus está incansavelmente lapidando nosso caráter para que possamos parecer-nos com o melhor ser humano que já pisou nesta terra, que já sujou seu pé com essa areia, que experimentou as limitações de um corpo e suas dores. A igreja é a instituição divina e humana por excelência, pois

Cristo é o cabeça e nós somos o corpo. Um só corpo, que pode ser usado por Ele para apontar que há um Deus vivo, ativo e presente na história, redimindo homens e mulheres a fim de fazer as mais lindas parcerias conosco.

“Um dos grandes problemas do mundo de hoje é que ele acredita que deixou de crer em Deus, mas o que aconteceu é que ele deixou de acreditar na igreja como instituição. A maior necessidade para o mundo e para igreja de hoje é ter líderes qualificados e comprometidos com a totalidade do evangelho redentor.” (Leon, Jorge A., 2010, p. 17)

E eu diria que, além de um desafio para os líderes, é também um desafio para todos os membros do corpo de Cristo entender a imensa dádiva e, ao mesmo tempo, imensa responsabilidade de apontar para Jesus. Isso não pode ser feito apenas com discursos ou com a melhor e mais contundente exposição da palavra. Precisamos viver no cotidiano esse evangelho redentor, esses valores do Reino que nos deixam atentos ao próximo, sensíveis às dores do mundo, ativos para transformar realidades, transformar morte em vida, caos em cosmos. E não fazemos isso por sermos gente da melhor qualidade, mas porque Cristo prometeu que estaria conosco todos os dias de nossa vida e que seu Espírito, que conduz essa igreja, não é um espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio.

Dessa forma, vejo que a parada brusca, obrigatória e demorada que a igreja precisou passar por conta da pandemia do novo coronavírus, que impossibilitou as reuniões presenciais, os encontros pré-estabelecidos na agenda, as atividades, pôde gerar um momento de reflexão e perguntas, tais quais: Para onde estamos indo? Para que existimos? A quem servimos?

Que oportunidade de perceber a rota, de corrigir os

passos, de lembrar da iminência da volta de Cristo, da nossa prestação de contas a ele e do privilégio de apresentá-lo a esse mundo! Foi possível ver o quanto o nosso amor por Cristo estava aquecido ou o quanto precisávamos voltar ao primeiro amor, a fazer o que alegra o coração do Pai: cuidar dos menores e dos mais necessitados, pois Jesus disse que, quando fizer isso, será como se o estivéssemos fazendo para ele mesmo. Assim como a igreja primitiva se expandiu de forma sólida e bonita pelos testemunhos dos primeiros cristãos, não só dos apóstolos, mas principalmente por gente comum como costureiras, comerciantes, viajantes, trabalhadores que portavam a mensagem da salvação e coloriam sua vida com a beleza dos valores de Jesus mesmo em meio à perseguição; hoje podemos observar com o que estamos construindo nossas obras: se com feno, palha, madeira ou com ouro, prata e pedras preciosas. A vulnerabilidade de nossa saúde, de planos e de vida que a pandemia ressaltou faz lembrar o quanto aqui tudo é transitório e que um dia aquele que é eterno virá ao nosso encontro e seremos tais como ele é.

Enquanto isso, que possamos ganhar o direito de ser ouvidos não só porque portamos a verdade e a melhor mensagem do mundo, mas porque essa mensagem nos torna humildes, conscientes, sensíveis ao próximo, cheios de coragem, prudentes. Não desesperados por conta do vírus, que levou nossos empregos ou quem amamos, separou pessoas queridas e abalou nossa saúde, pois não estamos preocupados conosco mesmos, pois sabemos quem cuida de nós. Que possamos estar atentos ao pão que falta na casa ao lado, à dor do próximo que tem de ser a nossa, à necessidade alheia que nos coloca à disposição para servir. Que os avanços que conquistamos como igreja de Deus nesse tempo - portões abertos durante a semana para atender doentes, atendimento online espiritual e emocional

a quem sofre, membros cuidando de membros através de ligações e videochamadas, encontros pela internet, improváveis por conta da distância, mas lindos e possíveis por conta da tecnologia - que tudo isso cresça e continue para que quando Jesus voltar ele possa olhar para sua igreja, sua noiva amada e dizer: “Sejam bem-vindos, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.” Mateus 25.34

***Renata Burjato é autora, ao lado do pastor Israel Mazzacorati, dos livros “Espelho na Janela”, volumes 1 e 2, publicados pelo Selo RTM, e apresentadora da Rádio Trans Mundial.***

**Por Paula Ferreira e  
Walter Fernandes**

Os olhos ainda expressam a saudade. Extravasam. Choro ora acanhado, ora infrene, descomedido. Intensidade de corações inflamados de amor e memórias. Quietude ao recordar de Sua companhia em toda a jornada. Repouso. Seguimos. *Avanti*.

O avião tocou o solo italiano em 4 de novembro de 2019. Friozinho de outono. Nem sentíamos o vento gelado daquela noite, tamanha a agitação dentro da gente. A concretização de um sonho e a continuidade de uma missão: viver Cristo, mas em novo endereço. Língua e cultura diferentes. Itália.

Quem já mudou de casa sabe como é no início. Lembrar toda hora qual é a gaveta das camisetas, em qual parte do armário fica o pote de açúcar e onde guardou o sabonete. O cérebro sai da zona de conforto e precisa – principalmente no caso dos homens – funcionar um pouco mais para cumprir tarefas básicas.

O campo missionário transcultural é assim, só que em nível *hard*. A simples compra de bilhetes de trem torna-se um desafio. Convidados para um jantar, devemos levar alguma coisa? Pode repetir? Desvencilhar-se da burocracia italiana, então, é quase tão complicado quanto entender dialetos. E são muitos por aqui. Praticamente todas as coisas são novas. Até as portas que se fecham. Foi doloroso ouvir o 'não' quando, enfim, pensávamos ter encontrado nosso espaço. "A proprietária não quer alugar a casa para estrangeiros", admitiu, sob pressão, o corretor de imóveis. Proposta rasgada. O baque e a certeza de que viriam outras decepções. "Entendemos errado? Deus quer mesmo a gente aqui?" Claro que sim. As dúvidas desapareciam diante da lembrança dos feitos do Criador. Um a um eles preenchiam as lacunas da hesitação.

O fato é que o ser humano se adapta a tudo, inclusive ao vizinho de apartamento que se incomoda quando a descarga do seu banheiro é acionada após as dez da noite. Existe uma coisa com a qual não estamos acostumados: a falta de relacionamento. Fomos feitos para estar com outras pessoas. Mas, com a pandemia do coronavírus, ficamos reclusos. As incertezas rondavam, um bombardeio de desinformação. E uma paz exuberante brotava em nós. Um renovo diário de esperança, fé e dependência. Ele!

Por amor e respeito, não víamos os colegas na rádio. Tampouco os velhinhos nas praças. A moda milanesa também parou de desfilas pelos elegantes cafés. Enquanto o mundo desabava, a igreja se movia. Mais. Sustentava os missionários em oração. Um oceano de distância não é nada quando os joelhos estão dobrados. As novas tecnologias para nos mantermos conectados, o bom e velho quarto com a porta fechada para clamarmos ao Eterno. Um potente vírus trouxe aos cristãos o lembrete: é preciso viver em constante dependência.

A Bíblia relata o desespero daquele que viria a ser rei de Israel e habitava em Ziclague para fugir da perseguição de Saul. Em 1 Samuel 30.1-20 lemos que, quando Davi e seus homens estavam longe de casa, os amalequitas destruíram e queimaram a cidade. Levaram como prisioneiros mulheres e filhos. O inimigo atacou áreas importantes da vida daqueles soldados, como finanças, casamento e a prole. Para piorar, os homens de Davi, aflitos, buscavam colocar a culpa em seu líder e alguns já planejavam apedrejá-lo.

Diante do cenário devastador, Davi tomou decisões. Encontrou forças no Senhor em meio ao atoleiro da desesperança. Consultou o Pai sobre uma possível perseguição aos amalequitas. Deus garantiu que estaria com ele nessa. Davi confiou. E só. Mesmo que as circunstâncias apontassem o contrário. Iniciou a busca com seiscentos homens. Duzentos, exaustos, ficaram no meio do caminho. A empreitada continuou, pois Davi não estava agindo na força de seus braços, mas no poder do Altíssimo. Assim, venceu o inimigo e recuperou tudo: “Não faltava coisa alguma. Davi trouxe tudo de volta” (1Sm 30.19).

Recordemo-nos que, com ou sem pandemia, nosso Soberano possui absoluto controle do Universo. Que aprendamos a ter dependência completa e irrestrita no Rei das Nações, exercitemos plena confiança nele e sejamos testemunhas do Amor em todo tempo e lugar.

***Paula Ferreira e Walter Fernandes são jornalistas e missionários da RTM na Itália.***

## OS DESAFIOS DE ENGAJAR OS MAIS JOVENS À MISSÃO E À CONVIVÊNCIA DA IGREJA

Por Fabiana Silvestrini

Vivemos num tempo de intensas e rápidas transformações, numa velocidade e abrangência cada vez maior. A tecnologia da informação nos permite participar da igreja de forma global. Direta ou indiretamente, até as pequenas e distantes congregações sentem o efeito de tais mudanças. Pelo menos deveriam estar sentindo para se manter ativas e em crescimento.

As igrejas precisam estar conectadas à Palavra de Deus e ao mundo à sua volta. Só assim terão as respostas para as necessidades de diferentes pessoas em cada época, contexto e faixa etária.

O desafio é vencer em equipe com criatividade, desejo de agradar a Deus, humildade e oração. Jesus fez questão de ensinar pessoalmente os doze primeiros integrantes da sua equipe. Foram eles que, no poder do Espírito Santo, transmitiram os ensinamentos de Jesus, fizeram discípulos que, por sua vez, fizeram novos discípulos. E assim, sucessivamente, a fé chegou até nós.

O link desta geração com as próximas se faz na convivência. Vamos abrir espaço para os adolescentes, que são um potencial incrível a ser valorizado em nosso meio. Alguns destes serão o próximo pastor titular ou o presidente da igreja. Se sua igreja não tem nem adolescentes para começar um ministério, a pergunta é: por quê? Antes de responder, converse sobre isso com o Senhor, em oração.

Num ministério específico para os adolescentes, estes fazem parte de tudo. Recebem funções como transmitir o culto pela internet, de equipe de filmagem; atuar no louvor, na mesa de som, liderar PGMs ou células: atuação conjunta dos garotos e garotas com as equipes regulares de funcionários e voluntários. No mesmo propósito de fazer chegar as boas novas do evangelho ao maior número possível de pessoas.

Um exemplo bem interessante de interação entre gerações acontece na Convenção Batista Pioneira, através da JUMAP – Junta de Mocidade e Adolescentes da Pioneira, e da JUFEMI – Junta Feminina Missionária. Nos acampamentos para os jovens ou juniores, as juntas contam com a equipe de apoio voluntária dos “azedinhos”, adolescentes que integram a equipe de apoio. O nome vem da cor do colete, que é um verde-limão. Ser um azedinho é um orgulho, e faltam vagas para tantos voluntários.

Outro referencial é o MAP – Ministério de Adolescentes da Primeira Igreja Batista de Curitiba. Os cultos regulares do MAP têm o apoio de adolescentes voluntários na programação, além do pessoal da área técnica profissional. Um dos voluntários participa da transmissão do culto ao vivo pela TV.

Quando os garotos e garotas estão acostumados a participar da realização dos cultos, encontros e outras programações, poderão ficar responsáveis por um culto dominical. Que tal? Na companhia do líder ou pastor do ministério se sentirão parte do time.

O ministério precisa estar nas mídias sociais. YouTube, Instagram, TikTok, Telegram, entre outros. Quem você acha que está em todas? A pandemia da Covid-19 derrubou inúmeras barreiras, pois em questão de semanas igrejas se reinventaram no formato digital. Quantas igrejas menores foram abençoadas com o apoio online de adolescentes! Os números da participação da comunidade nas programações foram uma agradável surpresa que precisa continuar atuando em paralelo com a igreja local.

Sentir-se aceito, valorizado por sua participação e incentivado é um anseio natural de qualquer pessoa. Cada um de nós vai para a igreja com suas demandas interiores e busca na Palavra de Deus orientação, consolo, motivação e novos sonhos.

Nas programações coletivas não dá para cuidar de forma personalizada, e é aí que entram os pequenos grupos, os PGMs ou células. O cuidado individual é superimportante, pois é a maneira de cuidar mais de perto dos adolescentes. Não pode faltar a noite da pizza ou o churrasquinho, que são os momentos de descontração.

Quando o assunto é romper barreiras e avançar, não podemos deixar de fora os mais jovens. Eles precisam igualmente se aproximar de Jesus e conhecê-lo como um amigo, numa linguagem apropriada para eles. Por isso, no planejamento de programações para garotos e garotas não basta ter apenas líderes experientes. É preciso contar com a presença daqueles que estão mais próximos das inovações. Juntos, somos a igreja do Senhor Jesus com todo o seu potencial.

***Fabiana Silvestrini é, ao lado de Marta Hoffmann, autora do livro “FéMenina”, publicado pelo selo RTM.***

Por Itamir Neves

Estima-se que hoje contamos com o expressivo número de 18 milhões de pessoas que já passaram dos 60 anos de idade e, portanto, são consideradas idosas.

Dados do IBGE apontam que em 2050 nossa demografia vai sofrer uma alteração significativa: em termos absolutos, os jovens (que hoje são 51 milhões) formarão um contingente populacional de 28 milhões de pessoas, ao mesmo tempo em que aqueles que terão mais de 60 anos somarão mais de 60 milhões.

Diante dessa realidade, a pergunta que se levanta e merece ser considerada e respondida com urgência é: como a igreja está se preparando, está se adequando para atender essa população tão expressiva que até então não era valorizada e atendida?

É importante considerar que a idade avançada é uma bênção de Deus.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento temos menções claras de que Deus abençoa com longevidade aqueles que respeitam e honram os seus pais, que podem ser idosos, concedendo vida longa aos que assim se comportam. Textos como Êxodo 20.12 e Efésios 6.1-3 mostram de modo objetivo que uma família que respeita e considera seus idosos é a base de uma sociedade sólida, e conseqüentemente se torna instrumento para uma igreja que respeita e obedece às ordens bíblicas.

É Deus quem concede a vida longa e dá a capacidade de desfrutarmos dela. Deus tem prazer em cuidar daqueles que lhe são obedientes, fazendo-os ter uma longa vida. Mesmo chegando à idade avançada, terão sempre o cuidado de Deus.

Sendo que Deus cuida dessa maneira dos idosos, fica implícito que nós, como igreja que obedece às orientações divinas, devemos também tê-los em consideração e atenção. Os idosos merecem nosso cuidado e respeito porque viveram muitos anos e têm sabedoria que vem da experiência de vida.

A igreja do futuro e a sua relação com a terceira idade é o desafio que se apresenta para nós já nestes dias. Não esperamos mais o futuro. O futuro já está aí e nós, como igreja, devemos imediatamente nos adequar ao relacionamento específico com os nossos idosos.

Para isso é bom lembrar que temos textos bíblicos que nos direcionam para esse caminho. Não queremos dar atenção aos idosos só porque este é um assunto do momento, um “tema da moda”, não!

Devemos dar atenção aos nossos idosos porque a Palavra de Deus assim nos orienta. O sábio autor de Provérbios destaca que “O cabelo grisalho é uma coroa de esplendor, e obtém-se mediante uma vida justa” (Pv 16.31). E se temos essa verdade constatada, a valorização desses

irmãos e irmãs se faz necessária.

A experiência que tiveram com Deus será repassada para as novas gerações quando tiverem oportunidade de compartilhar as suas vivências.

O desejo desses queridos irmãos se apresenta nestas palavras, nesta oração e neste compromisso que fazem diante do Senhor: “Agora que estou velho, de cabelos brancos, não me abandones, ó Deus, para que eu possa falar da tua força aos nossos filhos, e do teu poder às futuras gerações” (Sl 71.18). Sim! É dessa maneira que a igreja pode e deve possibilitar o ministério dos idosos em ministração aos mais jovens. O desejo desse grupo, que cada vez mais vai crescer na igreja, é expresso nestas palavras inspiradas: “Povo meu, escute o meu ensino; incline os ouvidos para o que eu tenho a dizer. Em parábolas abrirei a minha boca, proferirei enigmas do passado; o que ouvimos e aprendemos, o que nossos pais nos contaram, não encobriremos dos nossos filhos; contaremos à próxima geração os louváveis feitos do Senhor, o seu poder e as maravilhas que fez” (Sl 78.1-4).

É o próprio Senhor Deus que nos dá segurança de que ele mesmo fará esta obra por meio desses que ele tem cuidado e protegido. São estas as suas palavras: “Mesmo na velhice, quando tiverem cabelos brancos, sou eu aquele que os susterá. Eu os fiz e eu os levarei; eu os sustentarei e eu os salvarei” (Is 46.4). Que garantia queremos maior que essa? O Senhor capacitará a terceira idade a continuar sendo uma bênção no meio da comunidade.

A igreja do futuro deve dar espaço para o ministério com e da terceira idade.

Os idosos da igreja têm um papel fundamental nas atividades e podem e devem estar em praticamente todas as comissões. Inclusive podem formar um grupo de anciãos, sempre procurado para aconselhamento.

A igreja do futuro e sua relação com a terceira idade deve preparar-se para cuidar e honrar esse contingente que Deus preservou em seu meio, mas ao mesmo tempo deve lhe dar oportunidade para continuar servindo para que em tudo Deus seja glorificado em suas vidas e por meio de suas vidas.

***Pr. e Prof. Itamir Neves é autor dos comentários bíblicos dos livros de João, Lucas, Marcos, Mateus, Colossenses, Efésios, Gálatas, Filipenses, Romanos e Atos, entre outros, publicados pelo Selo RTM.***

Por Joerley Cruz

Antes de este texto nascer, eu estava caminhando em uma praia no litoral paulista, observando o mar, as ondas que vinham e iam de maneira orquestrada, cada uma com um tamanho diferente, mergulhando na areia ao seu próprio jeito, e eu percebia e sabia que há um Maestro nessa sinfonia bonita de se olhar. Não havia muitas pessoas; na verdade, alguns poucos como eu. E uma reflexão me veio à mente: esta praia e este mar sempre estiveram aqui desde o princípio, sendo testemunhas de tantas coisas, e continuam no mesmo ritmo, mantendo-se até o grande dia de Jesus vir a nós.

A esperança do crente se firma diante da contínua realidade da vida. Uma realidade que também possui um ritmo já conhecido (“Será que existe alguma coisa de que se possa dizer: Veja! Isto é novo? Não! Já existiu em tempos passados, muito antes de nós” – Eclesiastes 1.10 – Nova Almeida Atualizada), e isso significa que não se deve ocultar ou ignorar a dor, o sofrimento e a angústia, que não são novos. A dor e o sofrimento se expressam em diversas situações relacionadas às pessoas que nos são queridas,

muitas das quais também já se foram. O sofrimento tornou-se realidade para muitos quando perderam seus empregos, quando a segurança de sustento se foi, assim como nas mudanças de comportamento das pessoas, que afetaram os diversos relacionamentos, vitimados por uma carga emocional que gerou desgastes. Isso tudo é preciso encarar como realidade. No entanto, ainda que com todas essas questões, somos a igreja de Jesus, e a igreja sempre fica firme, de maneira que mesmo com tantas situações indesejadas, nos manteremos em pé.

A esperança do crente está firmada não somente na fé, mas nas experiências reveladas nas Escrituras. Quando olhamos (lemos) o passado e percebemos Deus agindo em favor da nação, isso produz em nós o real descanso nele. O apóstolo Pedro nos orienta como um pastor ao dizer: “Lancem sobre ele todas as suas ansiedades, porque ele cuida de vocês” (1Pe 5.7 – NAA). Quando lemos Gênesis 50.15-25, testemunhamos os momentos em que Deus revela sua “mão invisível” que agiu na vida de José e de seus irmãos. Quando José foi vendido pelos seus irmãos como escravo, ele não estava provido de esperança, alegria e outros bons sentimentos, mas o contrário foi verdadeiro, foi algo notório. Porém, nem José nem seus irmãos sabiam que chegariam ao ponto de reconciliação e de bem-estar: “Não tenham medo; eu sustentarei vocês e seus filhos. E assim José os consolou e lhes falou ao coração.” – Gn 50.21 (NAA). Diante de todo o cenário que José passou durante sua vida, “Deus tornou o mal em bem” (v. 20).

A realidade deve ser encarada, ou seja, as dificuldades e os sofrimentos devem fazer parte da nossa compreensão, mediante nossa consciência cristã. A verdade é que não vivemos ao acaso, como se Deus estivesse apático aos acontecimentos, mas a esperança do crente se encontra no cumprimento da profecia bíblica, que um dia nos foi

anunciada com respeito Àquele que é o Portador da esperança, e que veio a nós e está conosco sempre. E isso nos faz entender e aceitar que Deus está presente em cada momento.

Como atravessamos uma crise? Nós nos apegamos a Deus de forma mais especial, cultivando maior dependência e humildade, uma vez que é ele quem sabe a razão de todas as coisas.

O profeta Habacuque protestou do fato de o Senhor se utilizar de uma nação inimiga para castigar seu povo de Israel. A oração de Habacuque foi feita em função da resposta do Senhor Deus, que mostrou e relatou sua soberania para com os maus e bons.

“Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na videira;

Ainda que a colheita da oliveira decepcione e os campos não produzam mantimento;

Ainda que as ovelhas desapareçam do aprisco e nos currais não haja mais gado,

Mesmo assim eu me alegro no Senhor e exulto no Deus da minha salvação.

Deus, o Senhor, é a minha fortaleza.

Ele dá aos meus pés a ligeireza das corças, e me faz andar nas minhas alturas.”

Nada muda, nada se altera diante do grandioso, soberano e eterno Deus, e em meio à nossa tão vil condição humana. Sendo assim, volto a pensar: [...] essa praia e esse mar sempre estiveram aqui desde o princípio, e continuam em seu mesmo ritmo, que se manterá até o grande dia de Jesus vir a nós – assim continuo refletindo.

**Joerley Cruz é pastor, professor e autor de “Onde Está a Esperança?”, publicado pelo Selo RTM.**

Por Adriano Cruz

Quando somos desafiados a pensar sobre a relação entre igreja e capelania, vamos ao conceito histórico das palavras. A começar pela igreja, que tem origem no grego *ekklesia*, ou seja, uma assembleia de cidadãos livres, que eram convocados ou chamados para debater assuntos de relevância social. Veja o termo *ekkalein*, ou seja, é a junção de *ek* - “para fora” e *kalein* - “chamar ou clamar”. É um convite para que olhemos além das quatro paredes.

Já a palavra capelania tem origem histórica no termo *capa*, pois está ligado a São Martinho de Tours que, no século IV, viveu uma experiência transformadora. Ele fazia parte do exército romano e, em uma de suas rondas numa noite fria, ele viu um homem em situação de rua e com muito frio. Sem nada a oferecer, ele rasgou sua capa ao meio e deu metade a ele.

Na noite seguinte, Martinho teve um sonho em que viu Jesus com a metade da capa que ele deu ao mendigo. Aquele sonho foi tão impactante que fez com que abandonasse a carreira militar e seguisse a fé cristã.

Depois desse ato surgem os termos *capela* e *capelão*. Diante desse exemplo podemos afirmar que

capelania está ligada a um ato de amor ao próximo, de cuidado e compaixão.

Então, como podemos ser uma igreja que se importa? Na verdade, a pergunta que deve vir antes é: com o que a Igreja se importa?

Em tempos como esses, o que mais nos aflige é ter de conviver com algumas realidades que eram sufocadas pela correria do dia a dia. Quantas pessoas iam trabalhar e não sabiam como lidar com a volta para casa por dois motivos: ou por não terem ninguém ao seu lado e viverem em solidão, ou por terem pessoas e não conviverem bem com elas.

A mesma coisa podemos reparar nas igrejas e no trabalho. Será que o coronavírus veio para colocar algumas coisas no lugar?

O que observamos é que, diante de uma realidade como essa, a humanidade não estaria pronta para enfrentar o fim. Se de fato fossem estes os últimos dias, como seriam suas horas finais? Como você gastaria seu tempo?

Lembre-se que somos passageiros aqui. O texto de 1 Pedro 2.11 chama nossa atenção para nos abstermos das seduções deste mundo, pois somos estrangeiros. 1 Crônicas 29.15 diz que os nossos dias na terra são como uma sombra sem esperança, ou seja, se vivemos pelas coisas deste mundo, qualquer ameaça nos rouba a paz.

A ansiedade bateu forte. Gary R. Collins, uma das grandes autoridades mundiais em aconselhamento, diz que “a ansiedade pode surgir em resposta a algum perigo ou a uma ameaça imaginária ou desconhecida. Este tipo de ansiedade é denominado flutuante - a pessoa ansiosa sente que algo terrível está para acontecer, mas não sabe o que é, nem por que vai acontecer”. Assim estão os nossos dias: muitas informações, muitas incertezas e muita insegurança. Este tempo vai passar e temos duas formas de enfrentar esta crise: com fé e acreditando que Deus está no controle ou nos apegando às coisas terrenas e caindo no desespero.

Vamos avaliar ponto a ponto. Quando a ansiedade nos leva ao caos, parece que todo nosso discurso de fé e doutrina é em vão. A Bíblia está repleta de exemplos de como o povo passou por lutas e perseguições e, mesmo assim, seguiu firme em seu propósito. É um tempo de reflexão. Fala-se tanto de viver para Cristo, mas na verdade estamos acorrentados às coisas deste mundo.

Parece-me que essa pandemia não mudou as pessoas. O tempo de deserto revela o que existe dentro de nós, o que estava escondido debaixo do tapete, ou seja, pessoas feridas, solitárias, tristes e sem esperança. É como se um grito pulasse à garganta e agora não fosse mais vergonhoso dizer como me sinto. Talvez agora a invisibilidade social dê lugar à presença, a distância nos revele a importância, que o silêncio grite por diálogo, que a insegurança quebre nosso orgulho, que a ganância demonstre nossa vaidade e que o medo acuse nossas fragilidades e total dependência de Deus.

Que a igreja leve como experiência pós-pandemia que é mais importante ser igreja do que fazer igreja. O ministério de capelania é sem dúvida uma ferramenta eficaz para missões urbanas. Ela chega a muitos lugares e atinge muitos corações. O que se precisa de fato é um alinhamento e deixarmos de lado esse medo e pensamento de que tudo se torna concorrência.

Por fim, deixo o desafio de Tiago 1.4: que a nossa perseverança seja completa, que sejamos maduros e íntegros porque só assim poderemos dizer que nada nos faltará. Os limites estruturais de um isolamento não podem calar o coração de um verdadeiro adorador.

***Adriano Cruz é pastor, capelão e autor dos livros “Diário do Capelão” e “Loly e o Pequeno Marquinho”, publicados pelo Selo RTM.***

Por João Paulo Gouvêa

O mundo virou de ponta-cabeça em 2020. Este é um tempo de muitas informações, um tempo de paradoxos absurdos, sabe-se muito de quase nada, age-se muito sem fazer nada, muitos corajosos em lockdown e um sentimento de urgência sem pressa, que gera grande ansiedade e pouca ação...

Esse sentimento de urgência sem pressa gera um imediatismo tóxico, pois elimina bases, tem forma mas não tem conteúdo e vai na contramão dos ensinamentos bíblicos, pois em Gênesis vemos o ensino do “Tohu e Bohu” (Gn 1.1-3) e o Criador trabalhando para dar forma e conteúdo a todo o sistema de existência (Gn 1). Abandonamos a esperança e passamos a contar apenas com o que vemos e vivemos hoje. O que mais tenho visto nas redes sociais é o axioma *carpe diem*, ou “aproveite o dia”, reflexo do pensamento imediatista contemporâneo, de uma sociedade diluída em seus valores relativos e desesperançados. A igreja tem a obrigação - pois foi convocada pelo Criador - de ser “sal da Terra” e “luz do mundo”.

O apóstolo Paulo afirma que o que nos resta é a “fé, a esperança e o amor”. A igreja precisa tirar do baú

estes preceitos, que estão escondidos, acovardados e esquecidos. As anomalias da alma começam pela desesperança, pelo abandono, pela solidão e pela falta de perspectiva do futuro. Essas anomalias da alma também ocorrem pela omissão da igreja, que deixou de estar presente na sociedade, deixou de apontar para o futuro, abandonou seu poder restaurador e profético. Restaurar a esperança passa a ser na missão da igreja um fator *sine qua non*.

A pandemia tornou-se um evento catalisador e unificador de sentimentos escondidos que se arrastavam dentro de nós há muitos anos. A igreja precisa ser ética, moral, corajosa e verdadeira para ser grande em seus ideais, transformando-se em um bastião em meio ao caos existencial da vida moderna. A igreja deve ser a ponte entre o passado e o futuro, deve ligar as pontas soltas do caos existencial moderno.

Neste desafio surgem perguntas. A igreja deve abrir-se para as tecnologias? É possível ser igreja a distância? Qual o papel dos idosos diante das novas tecnologias? Será que Deus está conosco nestes desafios tecnológicos?

Diante destes e de outros questionamentos, este livro passa a ser um importante instrumento de motivação e orientação para os desafios futuros. Isso faz parte da missão da Rádio Trans Mundial, que há mais de 50 anos ajuda a igreja no desenvolvimento relevante de sua ação missionária no mundo - e agora auxiliando a igreja a se adaptar ao “novo normal”, com responsabilidade, coragem e criatividade. Criatividade que é atributo visível do Deus criador! Que ele nos ajude, fortaleça e oriente nesta jornada.

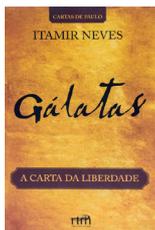
**João Paulo Gouvêa é apresentador do programa “Painel Literário” e coordenador editorial do selo RTM.**

## Conheça nossos produtos!



### **Ato dos Apóstolos – Uma história singular**

Estudo analítico e expositivo do livro de Ato dos Apóstolos realizado pelo professor Itamir Neves. O autor possui comentários bíblicos dos livros de Gênesis, Mateus, Marcos, Lucas, João, Efésios, Gálatas, Filipenses e Colossenses.



### **Gálatas: A Carta da Liberdade**

Comentário bíblico em tom pastoral e apologético sobre a carta de Paulo aos Gálatas. Itamir Neves mostra os desvios doutrinários presentes hoje.



### **Foi Assim**

Biografia de Edmund Spieker, primeiro secretário-geral da Rádio Trans Mundial. O autor compartilha fases marcantes de sua jornada.



### **Espelho na Janela – Volume 1 e 2**

Material escrito por Renata Burjato e Israel Mazzacorati que conta histórias de personagens bíblicos em formato de narrativa com final ficcional.



### **Loly e o Pequeno Marruquinho em Busca de um Milagre**

Revista infantil realizada por Adriano Cruz para auxiliar o trabalho de capelania escolar e hospitalar. O livro tem como tema a esperança.



### **Diário do Capelão**

Obra voltada para o auxílio do trabalho de capelania. Adriano Cruz apresenta estudos temáticos para serem usados durante todo o ano.



### **Onde está a Esperança?**

Livro do autor Joerley Cruz com meditações sobre um dos temas mais importantes para o mundo de hoje: a esperança.



### **Fé Menina**

Publicação escrita por Marta Hoffmann Bueno e Fabiana Silvestrini e dedicada no auxílio ao trabalho com meninas nas igrejas de maneira prática e bíblica.



### **Rádio Trans Mundial do Brasil – 50 Anos**

Publicação comemorativa que apresenta a história dos 50 anos de atuação da Trans Mundial no Brasil.



### Café com Deus

Livro de cartoons com curtas reflexões diárias. Os desenhos foram realizados por Rubinho Pirola, apresentador da Trans Mundial.



### Administração Eclesiástica

Obra que apresenta princípios básicos de administração até a utilização ordenada dos recursos. Escrito pelo pastor Renato da Silveira e Silva, o livro é recomendado para pastores e líderes.



### Tricotomia

Publicação realizada por John B. Woodward Jr. que apresenta uma visão tricotômica dos seres humanos para o empreendimento do aconselhamento cristão.



### O Melhor da Espiritualidade Brasileira

Literatura brasileira com 18 temas que discutem a condição humana e sua interação com o fenômeno religioso, sob a ótica da espiritualidade cristã, com organização do pastor, músico e apresentador da RTM, Nelson Bomilcar.



[loja.transmundial.com.br](http://loja.transmundial.com.br)

 [www.transmundial.org.br](http://www.transmundial.org.br)

 [facebook.com/radiotransmundialoficial](https://facebook.com/radiotransmundialoficial)

 [instagram.com/radiotransmundial](https://instagram.com/radiotransmundial)

 [twitter.com/transmundial](https://twitter.com/transmundial)

OUÇA A

RTM

EM PODCAST



Spotify



Deezer



Apple  
Podcast



Google  
Podcast



Castbox



TuneIn